

Estudantes universitários *versus* escolha profissional: implicações e intervenções em saúde mental¹

Extensión, docencia e investigación

Autores: Pedro Henrique Oliveira Bernardi², Rachel Rubin da Silva³, Natália Schopf Frizzo², Héctor Omar Ardans², Hericka Zogbi Jorge Dias²

² Universidade Federal de Santa Maria

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

mail de contacto: phob13@hotmail.com

RESUMO

Muitos são os desafios que os jovens pré-universitários e universitários se deparam nesta fase da vida, especialmente aqueles relacionados com a escolha profissional, aquisição de novos papéis, exigências acadêmicas, estabelecimento de novas relações, desenvolvimento de um projeto profissional (Ferreira, Almeida & Soares, 2001). Sabe-se que as dificuldades vivenciadas nesta fase podem influenciar no estado de saúde mental do indivíduo (Costa & Leal, 2008). O presente estudo teve como objetivos avaliar os índices de bem-estar psicológico de estudantes universitários e verificar se os mesmos se correlacionam com os níveis de satisfação com a escolha do curso de graduação de jovens universitários. **Método:** Trata-se de um estudo quantitativo, de caráter transversal e correlacional. Os instrumentos utilizados foram uma ficha de dados sociodemográficos que incluía questões sobre o curso de graduação e o Questionário de Saúde Geral (QSG-12) para avaliar os índices de bem-estar psicológico. A amostra foi composta por 367 estudantes universitários de uma universidade pública do interior do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Destes participantes, 217 (59,1%) eram mulheres e 150 (40,9%) homens. A média de idade foi de 22,8 anos ($dp= 4,7$). Com relação ao semestre, todos os participantes frequentavam o terceiro ano do seu curso de graduação. **Resultados:** Com relação ao curso de graduação, os estudantes foram questionados sobre: 1) se o curso que frequentavam era sua primeira opção de escolha; 2) se sentiam-se satisfeitos com o curso de graduação que frequentavam. Dos 367 participantes, 95 (25,9%) responderam estar matriculado no curso de graduação que não era sua primeira opção de escolha. No que tangia sobre estar satisfeito com a escolha do curso de graduação, 75 (20,5%) referiram não se sentirem satisfeitos com a escolha realizada. Quanto ao QSG-12, os resultados apontam que 179 (48,8%) dos estudantes apresentam bem-estar psicológico prejudicado, ou seja, apresentam sofrimento psíquico merecedor de atenção. As análises estatísticas inferenciais apontam que houve correlação estatisticamente significativa entre ter sofrimento psíquico e não estar matriculado no curso de primeira opção de escolha ($r^2=0,16$; $p=0,000$), bem como ter sofrimento psíquico e não estar satisfeito com o curso escolhido ($r^2=0,31$; $p=0,000$). Através

¹ Este trabalho é parte da dissertação de mestrado da autora Rachel Rubin da Silva, defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação da Profa. Dra. Hericka Zogbi Jorge Dias.

do teste *t* verificou-se que os estudantes que não estavam cursando a sua primeira opção de escolha e não estavam satisfeitos com o curso escolhido apresentavam níveis de bem-estar psicológico significativamente inferior aqueles que cursavam sua primeira opção e estavam satisfeitos com a escolha realizada. **Discussão:** diante destes resultados observa-se a relação existente entre a insatisfação com a escolha profissional e o sofrimento psíquico, e mostra-se relevante a discussão sobre a possibilidade das políticas públicas de saúde abarcarem ações e/ou programas extensionistas de orientação profissional e equivalentes a serem realizados em escolas e universidades. Tais ações se caracterizariam a partir do âmbito da promoção da saúde, na medida em que seriam destinadas a atender uma população de estudantes que se encontra em uma etapa de transição entre a vida pré-universitária ou profissional e a deliberação sobre o caminho a ser seguido. Em geral, como toda transição desta magnitude acarreta crises identitárias ou torna os sujeitos mais suscetíveis a sua ocorrência, o acompanhamento e a orientação psicológicos parecem particularmente válidos neste momento. Para Erikson (1972), as crises identitárias ocorrem ao longo de todo o desenvolvimento humano, isto é, desde o nascimento até o final da vida dos sujeitos. Contudo, é na adolescência que tem início o período mais crítico do ciclo vital, em razão, sobretudo da série de transformações físicas e emocionais que a caracterizam e das decisões que são exigidas socialmente dos sujeitos, não apenas em termos profissionais. Surgem indagações e incertezas que precisam ser enfrentadas pelo adolescente no sentido de descobrir quem é e o que deseja para o seu futuro. A proposição de espaços de discussão livres e abertos à participação dos adolescentes parece uma estratégia acertada de apoio em tais circunstâncias.

Introdução

São muitos os desafios que os jovens pré-universitários e universitários se deparam nesta fase da vida, especialmente aqueles relacionados com a escolha profissional, aquisição de novos papéis, exigências acadêmicas, estabelecimento de novas relações, desenvolvimento de um projeto profissional (Ferreira, Almeida & Soares, 2001). Sabe-se que as dificuldades vivenciadas nesta fase podem influenciar no estado de saúde mental do indivíduo (Costa & Leal, 2008).

As tarefas com quais os jovens são confrontados na sua transição e adaptação ao ensino superior não são restritas às tarefas curriculares. Pelo contrário, questões vitais como o estabelecimento de um sentido de identidade, o desenvolvimento de relações interpessoais mais maduras, a exploração de papéis sociais, as questões da intimidade, o comprometimento com objetivos pessoais e profissionais, assumem uma relevância particular e marcam uma série de desafios e metas características dessa fase do desenvolvimento psicossocial (Almeida & Soares, 2003).

Essa etapa de mudanças implica estar diante de situações de vida que precisam ser organizadas, internalizadas, definidas e direcionadas. Nesta perspectiva é importante considerar que independentemente de haver fatores de estresse acadêmicos, ambientais ou relacionais nessa fase, há também a presença de fatores de estresse pessoais muito significativos (Bohry, 2007).

O processo de transição e adaptação ao ensino superior é complexo e multidimensional, dependente de fatores de ordem pessoal e contextual (Almeida & Soares, 2003). Ou seja, esse processo é marcado, por um lado, pela troca entre as expectativas, habilidades e características dos estudantes e por outro, pela universidade, sua comunidade, estrutura e elementos organizacionais.

Dessa forma, acredita-se que para conhecer as questões relacionadas à saúde do estudante universitário é também importante considerar o seu contexto e a sua percepção sobre ele. Sabe-se que o estudante universitário enfrenta uma série de dificuldades neste período de graduação e algumas delas estão relacionadas à falta de conhecimento mais concreto sobre o curso e sobre o significado de estar na universidade. Além disso, muitas vezes, o aluno tem expectativas iniciais equivocadas que podem gerar decepções com a sua vivência acadêmica e as diferenças entre a escola e a universidade e as informações restritas sobre o curso podem contribuir para o insucesso escolar e o abandono do mesmo (Bardagi & Hutz, 2009; Pachane, 2003).

A partir de estudos realizados com universitários portugueses, Azevedo e Faria (2004) afirmam que o novo contexto nem sempre é receptivo às expectativas dos estudantes, o que leva os mesmos a perceberem muitas dificuldades. Ao mesmo tempo, alguns autores defendem que a universidade pode ser considerada um contexto facilitador do desenvolvimento pessoal dos estudantes, no sentido de promover a integração e o ajustamento acadêmico, pessoal, social e afetivo do jovem (Ferreira, Almeida & Soares, 2001; Santos & Ferreira, 1999). Outros estudos consideram que é o próprio estudante o principal ator do seu desenvolvimento no contexto universitário, e cabe a ele explorar, da melhor forma possível, as oportunidades oferecidas neste período (Astin, 1993).

Tendo em vista que, segundo alguns autores, a vivência desta etapa pode gerar um desequilíbrio emocional e que a não superação destas dificuldades poderá se constituir para o aluno em um fator causador de estresse, gerando desde problemas orgânicos, de relacionamento, baixo rendimento escolar, até angústias e estados de depressão (Figueiredo & Oliveira, 1995). Algumas pesquisas apóiam a idéia de que os jovens que ingressam na universidade e se deparam com uma série de desafios pessoais, interpessoais, familiares e institucionais, merecem atenção das autoridades e serviços acadêmicos no oferecimento de suporte e apoio (Taveira & cols., 2000; Leitão & Paixão, 1999).

De acordo com Igue, Bariani e Milanesi (2008) o impacto da vivência acadêmica nos estudantes universitários, especialmente nos que ingressam pela primeira vez na universidade tem se mostrado um foco importante de investigação. Esses autores chamam a atenção para o fato da maioria dos estudos serem estrangeiros, ressaltando a importância de pesquisas sobre o tema no contexto brasileiro.

Outro aspecto apontado por pesquisadores como motivador de pesquisas sobre a população de estudantes universitários é a geração de informações sobre a realidade vivida por estes jovens, que podem auxiliar os gestores em educação no tratamento de questões que envolvam não somente a evasão escolar, mas também aspectos do desenvolvimento psicossocial (Teixiera, Castro & Piccolo, 2007). Nesse sentido, é importante preocupar-se com a qualidade da permanência do estudante no ensino superior, e dar atenção para questões de satisfação com o curso, envolvimento em atividades extracurriculares, estabelecimento de relações saudáveis, bem-estar psicológico, entre outros.

A investigação sobre a saúde dos jovens e os seus comportamentos saudáveis, assim como dos fatores que os influenciam é primordial para o desenvolvimento de programas e práticas de promoção da saúde que tenham como alvo os estudantes universitários (Pereira, 2006).

Portugal é um dos países que mais desenvolve pesquisas com a população de estudantes do ensino superior com temas variados, desde estudos sobre a saúde psicológica dos estudantes universitários (Costa & Leal, 2008), as dificuldades de adaptação e realização acadêmica no ensino superior (Almeida et al, 1998), o diagnóstico dos problemas de insucesso no contexto do ensino superior (Pereira, 2006), a construção e validação de um questionário sobre vivências acadêmicas com o objetivo de avaliar a adaptação do estudante ao contexto universitário (Almeida, Soares & Ferreira, 2002), a relação entre homesickness (saudades de casa) e personalidade em estudantes universitários (Ferraz & Pereira, 2002), o sucesso e o desenvolvimento psicológico no ensino superior (Pereira et al, 2006), até a adaptação acadêmica do estudante do 1º ano e a influência de fatores como gênero e curso frequentado (Ferreira, Almeida & Soares, 2001).

No Brasil têm-se poucos estudos que tenham como foco conhecer os aspectos relacionados ao bem-estar psicológico e a saúde mental dos estudantes universitários (Cavestro & Rocha, 2006; Furegato & cols, 2006; Neves & Dagalarrondo, 2007). Entretanto, sabe-se que a qualidade da adaptação do estudante universitário a este novo contexto de vida pode ser considerada como um fator fundamental para a saúde mental do indivíduo (Costa & Leal, 2008).

Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivos avaliar os índices de bem-estar psicológico de estudantes universitários e verificar se os mesmos se correlacionam com os níveis de satisfação com a escolha do curso de graduação de jovens universitários.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 367 estudantes de graduação, sendo 59,1% do sexo feminino e 40,9% do sexo masculino, de uma universidade federal do interior do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Foram selecionados apenas alunos de 3º ano do curso de graduação de todas as áreas do conhecimento.

Os participantes apresentam uma média de idade de 22,8 anos com desvio-padrão de 4,7. Quanto a ocupação laboral, 208 (56,6%) são somente estudantes, 134 (36,5%) não informaram qualquer atividade e 25 (6,8%) têm outras ocupações além de ser estudante, como por exemplo, militares, professores, técnicos e servidores públicos.

Instrumentos

Para contemplar os objetivos da pesquisa foram aplicados os seguintes instrumentos: 1) Ficha de Dados Sociodemográficos: construída pela equipe de pesquisa, abrange dados demográficos (sexo, idade, escolaridade, naturalidade, religião), também contempla dados sobre o histórico de saúde (acometimento por doenças crônicas, tempo de tratamento, entre outros) e dados sobre o curso de graduação (se era a primeira opção, satisfação com a escolha). 2) Questionário de Saúde Geral (QSG-12): Este instrumento corresponde a uma versão abreviada do Questionário de Saúde Geral (General Health Questionnaire – GHQ-60) de Goldberg (1972), adaptado para o Brasil por Pasquali e cols. (1994). Como sua abreviação indica, a versão utilizada neste estudo é composta de 12 itens, sendo cada item respondido em termos do quanto a pessoa tem experimentado os sintomas descritos, sendo suas respostas dadas em uma escala Likert de quatro pontos. As questões são respondidas variando de 1 a 4, sendo que de acordo com o sistema de pontuação adotado por Goldberg (1972) implica que as respostas 1 e 2 sejam recodificados como 0=ausência de distúrbio psiquiátrico e as respostas 3 e 4 sejam recodificados como 1=presença de distúrbio psiquiátrico. Portanto, este instrumento resulta numa pontuação que vai de 0 a 12 pontos. Goldberg (1972) recomenda que a pessoa que obtiver a pontuação igual ou superior a 3 apresenta sofrimento psíquico merecedor de atenção, sendo adotado na presente pesquisa. O índice de consistência interna do QSG-12 nessa amostra foi dado pelo Alfa de Cronbach de 0,80, o mesmo encontrado no estudo de adaptação e validação da escala realizado por Borges e Argolo (2002).

Delineamento e procedimentos

Realizou-se um estudo quantitativo, de caráter transversal e correlacional. A coleta dos dados foi realizada em sala de aula, após a autorização prévia dos respectivos coordenadores de curso e professores. Cada aplicação iniciava após a assinatura do Termo

de Consentimento Livre e Esclarecido por cada participante, segundo a orientação da Resolução nº 196/96 do Ministério da Saúde, a respeito da pesquisa envolvendo seres humanos.

Ainda foi garantido ao participante o direito de retirar-se da pesquisa a qualquer momento, caso fosse de sua vontade. No que se refere aos dados colhidos no preenchimento dos questionários e às informações ali contidas, bem como a identidade dos participantes, foram resguardadas as questões éticas de sigilo e privacidade.

Para a análise dos dados foram utilizadas estatística descritiva e inferencial com nível de significância estatística de 5% ($p \leq 0,05$).

Resultados

Com relação aos resultados acerca do curso de graduação, 25,9% dos estudantes referiram que o curso de graduação no qual estão matriculados não era sua primeira opção de escolha. Este dado é menor do que o encontrado na pesquisa de Costa e Leal (2008) e na pesquisa de Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), onde respectivamente 31,4% e 42% dos participantes, referem que o curso que estão não era a sua primeira opção.

Sobre as questões referentes à satisfação com o curso de graduação, 291 (79,5%) participantes relataram sentirem-se satisfeitos com o curso em que estão matriculados. Destes, 210 (57,22%) participantes qualificaram suas respostas: 189 (90%) referem que o curso atende as expectativas/realização pessoal, 14 (6,7%) referem que a sua área de atuação é promissora e 7 (3,3%) afirmam que trata-se de um bom curso/bons professores.

Ainda com relação à mesma pergunta, 75 (20,5%) participantes referiram não se sentirem satisfeitos com o curso em que estão matriculados. Destes, 71(19,34%) participantes elencaram os seguintes motivos: 26 (34,7%) afirmam que o curso não atende suas expectativas e/ou não era o curso que queria, 41(54,7%) percebem o curso como deficitário com relação ao conteúdo, professores e infra-estrutura, 4 (5,3%) não se sentem satisfeitos pois tem dúvidas quanto ao futuro profissional.

Os dados referidos acima sobre o curso de graduação revelam informações importantes sobre a satisfação dos alunos com sua escolha profissional. Outras pesquisas já se interessaram por este tema, como o estudo realizado por Ferreira, Almeida e Soares (2001) que revelou que 74,7% dos estudantes mostravam-se satisfeitos até o presente momento com o curso que frequentavam.

Segundo estudo desenvolvido por Batista e Almeida (2002) alunos que frequentam cursos que correspondem a sua primeira opção apresentam uma percepção mais positiva tanto em relação ao curso quanto com relação as suas competências pessoais. Além disso, Rebelo e Lopes (2001) realizaram uma pesquisa com estudantes universitários que revelou

que os alunos que estavam cursando a sua primeira opção de escolha apresentavam níveis de bem-estar psicológico significativamente superiores aqueles que cursavam sua segunda ou terceira opção de curso de graduação.

Com relação aos resultados obtidos através do Questionário de Saúde Geral (QGS-12) que indica o nível de sofrimento psíquico dos indivíduos, a pontuação média da amostra foi de 3,17 pontos e desvio-padrão de 3,05 pontos, sendo a pontuação mínima zero e a máxima doze. Esse resultado indica, de acordo com o ponto de corte utilizado (≥ 3) e baseado no estudo original de Goldberg (1972), que a amostra apresenta uma pontuação indicativa de sofrimento psíquico merecedor de atenção.

Em termos de frequências e percentuais, os resultados se mostram ainda mais preocupantes, já que 48,8% dos participantes têm sofrimento psíquico merecedor de atenção, ou seja, estão acima do ponto de corte. Outros estudos envolvendo estudantes universitários se ocuparam de investigar a saúde mental/bem-estar psicológico desta população (Sakae, Padrão & Jornada, 2010; Figueiredo, 2009; Neves & Dalgarrondo, 2007; Fugerato Et Al, 2006; Cavestro & Rocha, 2006; Cerchiari, Caetano & Faccenda, 2005; Facundes & Ludermit, 2005; Adlaf, 2001; Giglio, 1976).

O estudo desenvolvido por Sakae, Padrão e Jornada (2010) investigou a presença de sintomas depressivos em estudantes da área da saúde. A amostra foi composta por 1.039 alunos e o instrumento utilizado foi o Inventário de Depressão de Beck. Os resultados apontaram a presença de sintomas depressivos em 28,49% dos estudantes, e os autores destacam a prevalência de 13,3% em estudantes do curso de Psicologia.

Na pesquisa de Cavestro e Rocha (2006) foram entrevistados 342 estudantes. Os resultados apontaram uma taxa de prevalência de 10,5% para transtorno depressivo. Em contrapartida, o estudo de Fugerato et al (2006) com 242 estudantes de enfermagem revelou a prevalência de 20,2% de sintomas depressivos variando de leve a grave.

No estudo de Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) com 558 estudantes, que utilizou o General Health Questionnaire (GHQ-60), foi observada a prevalência de 25% de transtornos mentais menores. Além disso, o estudo revelou que os alunos de terceiro ano de curso de graduação demonstraram mais problemas de saúde mental, como tensão/estresse psíquico, falta de confiança na capacidade de desempenho, distúrbios do sono e distúrbios psicossomáticos. Nota-se que este achado, diz respeito ao mesmo período de curso de graduação investigado em nosso estudo.

Segundo a pesquisa de Figueiredo (2009) que realizou uma revisão bibliográfica sobre estudos que tratam da prevalência de sintomas de humor em populações universitárias, a mesma aponta que os dados oscilam de 2,7% a 45,5% em relação à prevalência de depressão, dependendo do estudo e dos instrumentos utilizados.

Um estudo mais antigo, porém relevante, foi desenvolvido nos Estados Unidos, a pesquisa de Adlaf (2001) que o utilizou o General Health Questionnaire (GHQ-12), mesmo instrumento utilizado no nosso estudo, encontrou 30% de sofrimento mental em uma amostra composta por 7.800 estudantes universitários canadenses, observando maior prevalência entre as mulheres.

Quanto as análises estatísticas inferenciais, o primeiro ponto a ser apresentado diz respeito ao Questionário de Saúde Geral (QSG-12) que mede o nível de sofrimento psíquico e sua correlação com as questões referentes à opção do curso de graduação e a satisfação com o curso escolhido. Neste aspecto, houve correlação muito fraca, porém altamente significativa entre sofrimento psíquico e o curso escolhido ser a primeira opção do estudante ($r^2=0,16$; $p=0,000$).

Relembrando, 48,8% da amostra apresenta sofrimento psíquico merecedor de atenção, e 25,9% não estão matriculados no curso de primeira opção. Essa correlação toma força a partir do teste t que indica uma média de sofrimento psíquico de 2,90 ($dp=3,11$) entre os estudantes matriculados em sua primeira opção de curso (abaixo do ponto de corte ≥ 3) e uma média de 4,11($dp=3,33$) entre os estudantes não matriculados em sua primeira opção de curso ($p=0,001$). Esses dados indicam diferença estatisticamente significativa no índice de sofrimento psíquico de estudantes matriculados em sua primeira opção de curso e não matriculados em sua primeira opção.

Sobre a satisfação com o curso, houve correlação fraca e altamente significativa com o índice de sofrimento psíquico ($r^2=0,31$; $p=0,000$). O percentual de estudantes não satisfeitos com o curso foi de 20,5%. O teste t aponta uma diferença estatisticamente significativa no índice de sofrimento psíquico de estudantes satisfeitos e não satisfeitos com o curso em que estão matriculados. A média de sofrimento psíquico dos estudantes satisfeitos foi de 2,71 ($dp=2,82$), ficando abaixo do ponto de corte (≥ 3), e a média de sofrimento psíquico dos estudantes não satisfeitos foi de 5,18 ($dp=3,85$) com $p=0,000$.

Este resultado está de acordo com achados de outros estudos como o desenvolvido em Portugal por Rebelo e Lopes (2001), o qual revelou que os alunos que estavam cursando a sua primeira opção de escolha apresentavam níveis de bem-estar psicológico significativamente superiores aqueles que cursavam sua segunda ou terceira opção de curso de graduação.

Discussão

No começo da vida adulta preparar-se para a faculdade compreende tanto o otimismo quanto o receio em crescer. Contudo, frente às inúmeras expectativas adolescentes, o ensino médio surge como preparo para a inclusão no mundo adulto e a

universidade destaca-se como elemento fundamental no processo posterior, de inserção social e amadurecimento (Brêtas e cols., 2008; Oliveira e cols., 2003; Paredes & Pecora, 2004).

Sendo, então, o crescer um aspecto paradoxal para os jovens, o vestibular para alguns representa o ingresso na universidade e a proximidade com uma maior independência, e para outros aparece como negativo e assustador. Seja porque é a infância que lamentosamente vai ficando para trás ou a pressão, cobrança ou necessidade de crescer que aparece com essa nova etapa. O ingresso universitário aparece como tema de discussão e destaque no bem-desenvolver dos adolescentes.

Muito se fala acerca das escolhas certas para um futuro promissor, mas estariam os jovens da atual sociedade preparados para decidir seu futuro profissional? Estariam eles sendo devidamente preparados para definir com o que trabalhar, o que cada profissão oferece, o quão realizados eles podem estar dentro de cada área ofertada? Pois bem, a pesquisa efetuada revela que um número significativo de estudantes responderia não a cada uma dessas questões. O que se constatou é que os jovens estão pedindo ajuda para que sejam vistos, como diria Bock (2004), em suas “necessidades e sofrimentos, como alguém que deseja apoio e suporte para crescer”.

À medida que o indivíduo vai amadurecendo, as responsabilidades (necessárias) tendem a aumentar e, por sua vez, a pressão, tensão, cobranças, falta de tempo surgem para o adolescente de forma intrusiva, muitas vezes desadaptativa e com aspectos negativos voltados a precisão de crescer. Atrelado aos momentos de transição física e psicológica, a escolha de uma profissão que garanta um futuro promissor os é “imposta” e a difícil decisão de “ser alguém” se amarra ao cansaço, competição, dedicação para assim o ser.

Sendo esta uma fase de amadurecimento psíquico, muitas decisões são tomadas impensadamente, equivocadamente e levam a insatisfação e desistência frente ao curso escolhido para atuar. Seja pela idade precipitada, seja por falta de informação, por influência ou por segunda opção, as implicações que uma escolha profissional equivocada causa à saúde mental dos indivíduos merece destaque e intervenções.

A complexidade da opção vocacional estende-se desde uma escolha de vida à elaboração de lutos, identificações, tomada de decisões e, conseqüentemente, a uma formação de identidade. Nesse sentido, quando 34,7% dos jovens entrevistados afirmam que o curso não atende suas expectativas e/ou não era o curso que queria, cabe avaliar em que âmbito esta escolha falhou.

A partir desse contexto, seria importante questionar o significado de sucesso para esses indivíduos, quais os sentimentos ocultos por trás da pressão por resultados e quais seriam as expectativas adotadas. O que se destaca perante os estudos, é que o

adolescente tem a preocupação em obter êxito com a profissão escolhida, de conseguir se estabelecer profissionalmente e de ser competente. Além disso, o desejo de se aprimorar profissionalmente e a preocupação em relação aos desafios da profissão atrelados ao medo do desemprego ou de que o mercado de trabalho seja desfavorável em relação à profissão escolhida destacam-se como mantenedores dessa indecisão e insatisfação.

Outro fator relevante frente à decepção perante o curso escolhido reflete na busca pela realização pessoal e financeira, ou seja, na capacidade de identificar-se e de gostar do que faz sendo feliz na profissão. Saber se é algo que se quer fazer para o resto da vida, ter medo do arrependimento, de errar e perder tempo compõe temas comuns nos processos de decisão vocacional (Soares, 2002). Entretanto, é de fundamental importância que se entenda que tais sentimentos associam-se à crença equivocada de que a escolha é para o resto da vida.

A possibilidade de reorientar o próprio caminho é sempre presente e é, de fato, elemento inerente ao desenvolvimento da carreira. A ansiedade e a pressão de se ter que fazer a escolha certa acaba, pois, por atormentar o jovem com falsas concepções acerca da realidade e da trajetória profissional, contribuindo, assim, para o equívoco na escolha e para a evasão em inúmeros cursos.

Um aspecto de grande valia, que corrobora com o sofrimento psíquico que uma escolha errônea de carreira acarreta, consiste no que Neiva (2002) nomeia como uma das dimensões para uma escolha profissional madura, a saber, conhecimentos. Tal dimensão compreende o autoconhecimento e o conhecimento da realidade educativa e socioprofissional.

Entretanto, o que se observa são escolhas objetivadas na ausência ou inconsistência de tais critérios. Visões distorcidas, idealizadas ou estereotipadas, acerca das opções profissionais, a possibilidade de status, o prestígio de cursar uma universidade, ou ainda a facilidade de ingresso na universidade, dada a baixa concorrência aparecem como alvo para um desgosto no contato cotidiano com a profissão escolhida.

Também importante para se entender um resultado de 54,7% dos estudantes enquanto queixosos de seu curso por ser deficitário com relação ao conteúdo, professores e infra-estrutura é o fato da escassez de informações ou informações distorcidas sobre os cursos no momento da escolha, seja por matérias não mais ofertadas ou conteúdos distintos daqueles que eram seus interesses. Além disso, destacam-se a percepção de muitos professores descompromissados com seu trabalho e problemas com substituição de professores, além da falta de perspectiva futura com o curso, limitações de mercado e dificuldades com estágios.

No que tange a insatisfação e desconfiças frente ao futuro profissional, vale salientar que dúvidas sobre ter ou não as habilidades requeridas para exercer a profissão

escolhida, a dificuldade de não conseguir transformar os conhecimentos adquiridos numa prática profissional também repercutem na desistência e equívoco na escolha profissional, pois trazem sentimentos de angústia e insegurança que repercutem, muitas vezes, em preconceitos e cobranças indevidas em futuros estágios.

Ainda no âmbito de compreensão de escolhas vocacionais equivocadas, outros fatores geradores de estresse psíquico que tendem a levar a tal decisão, dizem respeito, diversas vezes, também, a vinculação da profissão às disciplinas preferidas ou rejeitadas no colégio, o poder de persuasão dos professores; falta de análise acerca de valores pessoais; observações feitas por veteranos, a respeito de problemas e dificuldades encontradas na realização do curso; fato dos cursos não contextualizarem suas práticas, deixando de fornecer informações quanto a campos e formas de atuação possíveis.

Além disso, vale frisar que muitos indivíduos sentem dificuldade em identificar seus principais interesses, valores e habilidades, ou possuem muitos interesses e não sabem quais priorizar nas tomadas de decisão. Ainda importante é a pressão da família, amigos ou companheiros, através de atitudes que são vistas ora como sendo de apoio, ora de imposição explícita ou sutil, as quais tendem a tolher os direitos de livre escolha.

Uma das causas possíveis da troca de cursos é a falta de confiança do jovem na hora de decidir o curso, o qual como diz Barreto e Aiello-Vaisberg (2007) está submetido a situações de insegurança e ansiedade por sentir-se despreparado para a entrada na vida adulta. Isso faz com que acabe se submetendo a vontade dos familiares mais próximos, muitas vezes nem notando que esta se submetendo a isso. Os filhos nem sempre reconhecem as influências familiares, pois muitas vezes elas estão implícitas, tanto na ideologia familiar (Almeida e Pinho, 2008) sobre os valores e conceitos ocupacionais, como nos mitos ou legados familiares.

Considerações finais

Nesse sentido, sugerem-se propostas de intervenção auxiliar na orientação e/ou para re-escolha profissional destes jovens. Segundo Lisboa (2002), o trabalho de orientação profissional reside na possibilidade de reflexão aprofundada sobre os elementos que constituem o projeto profissional da pessoa. Nesse contexto, cabe ao orientador propiciar reflexões que estejam de acordo com a escolha de carreiras, bem como estejam à serviço da construção de carreiras. Nesse contexto, algumas práticas caberiam no intuito de esclarecer as dúvidas perante o enfrentamento de escolhas profissionais, entre elas:

- 1) Desenvolvimento de grupos. (Re) pensar a escolha profissional é um momento em que o impacto das pressões externas ou auto-exigências eclodem. Nesse sentido, um trabalho em grupo auxiliaria na troca de experiências e conhecimento que proporcionaria. A

observação de outros na mesma condição traz uma sensação de alívio e conforto que facilita a adesão do indivíduo e melhora seu aproveitamento no processo realizado. Uma divisão de temas a serem discutidos como suas visões acerca da prática profissional, informações sobre o mercado de trabalho, disciplinas estudadas ou a serem estudadas ao longo do percurso, entre outros, engrandeceria as trocas e minimizaria as angústias que, embora pareçam individuais, muitas vezes são as mesmas coletivas.

2) Enfatizar e incrementar a etapa de Autoconhecimento. Primeiramente o aprofundamento e dispêndio de tempo dedicado a trabalhar esse tema devem ser efetivados. Além disso, técnicas ou atividades que propiciem enumerar e expor interesses, habilidades e valores poderiam ser empregadas.

3) Tornar viável o acesso a informações relacionadas ao meio do trabalho. Fornecer informações sobre opções profissionais, sobre especializações, práticas e mercado de trabalho. Intensificar informações sobre cursos atuais envolvendo determinada carreira, bem como espaços de exposição e relatos de profissionais das diversas áreas.

4) Trabalhar, de forma prática, a segurança do jovem em relação a escolha profissional, visto que um jovem inseguro acaba cedendo as pressões externas (pais, irmão, namorados (as) etc.) com maior facilidade e pode escolher um curso não por seu verdadeiro gosto, mas sim para agradar alguém próximo.

5) Criação de um genograma. De modo a trabalhar as influências familiares na escolha profissional do jovem e deixar mais claro o quanto isto esta presente. Consiste na elaboração de uma árvore genealógica na qual se incluem as ocupações e/ou profissões de cada membro da família, ou de pessoas que, de algum modo, possam influenciar – ou ter influenciado – suas atitudes, aspirações e supostas escolhas (Leitão, 2004).

6) Conduzir reflexões acerca do significado do trabalho na vida dos indivíduos. Trabalhar a relação homem-trabalho, a vivência no desempenho da profissão, as expectativas para o futuro profissional, os sentimentos experimentados e as mudanças exigidas. Pois, como afirma Lisboa (1998), “Não basta orientar uma pessoa para a descoberta de si. Precisamos fazê-lo com o olho no mundo” (p. 63).

Acredita-se que a universidade tem como papel oferecer aos seus estudantes serviços de apoio procurando responder a questões de orientação vocacional, de definição de projetos de carreira associados ao curso, de envolvimento institucional, de promoção da motivação e aprendizagem escolares, e de facilitação do desenvolvimento psicológico em diferentes áreas (Leitão & Paixão, 1999; Taveira e cols., 2000).

Referências

ADLAF, E. M. et al. The prevalence of elevated psychological distress among Canadian undergraduates: findings from the 1998 Canadian Survey. **Journal of American College Health**, v.50, n. 2, p.67-72, 2001.

Almeida & Pinho (2008). Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20 (2). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200013&lang=pt Acesso em 18 de agosto de 2011.

ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté: Cabral, 2003.

ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. C.; FERREIRA, J. A. Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA-r): avaliação do ajustamento dos estudantes universitários. **Aval. Psicológica**, vol.1, n.2, pp. 81-93, 2002.

ALMEIDA, L. S. et al. Dificuldades de adaptação e de realização acadêmica no ensino superior: análise de acordo com as escolhas vocacionais e o ano de curso. *Revista Galeco-Portuguesa de Psicología e Educación*, v.2, n.2, p.41-48, 1998.

ASTIN, A. **What matters in college?** Four critical years revised. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1993.

AZEVEDO, A. S.; FARIA, L. **Experiências de transição acadêmica: Qualidades psicométricas de um questionário para o contexto universitário**. Trabalho apresentado na X Conferência Internacional - Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Braga, Portugal: Psiquilíbrios, 2004.

BARDAGI, M. P.; HUTZ, C. S. "Não havia outra saída": percepções de alunos evadidos sobre o abandono do curso superior. **Psico-USF**, v. 14, n.1, p.95-105, 2009.

Barreto & Aiello-Vaisberg (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100015&lang=pt Acesso em 18 de agosto de 2011.

BATISTA, R. G. R.; ALMEIDA, L. S. Desafios da transição e vivências acadêmicas: análise segundo a opção de curso e mobilidade. In: POUZADA, A. S.; ALMEIDA, L. S.; VASCONCELOS, R. M. (Eds.). **Contextos e dinâmicas da vida acadêmica**. Guimarães: Universidade do Minho, 2002.

Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: A adolescência em questão. *Cadernos Cedes*, 24(62), 26-43.

BOHRY, S. **Crise Psicológica do Universitário e trancamento geral de matrícula por motivo de saúde**. 2007. 217f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

BORGES, L. O.; ARGOLLO, J. C. T. Adaptação e validação de uma escala de bem-estar psicológico para uso em estudos ocupacionais. **Avaliação Psicológica**, v. 1, p. 17-27, 2002.

Brêtas, J. R. S., Moreno, R. S., Eugenio, D. S., Sala, D., C. P. Vieira, T. F., & Bruno, P. R (2008). Os rituais de passagem segundo adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 21(3), 404-411.

CAVESTRO, J. M.; ROCHA, F. L. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.55, n.4, p.264-267, 2006.

COSTA, S. E.; LEAL, I. Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do ensino superior – avaliar para intervir. **Actas do 7º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde**. 2008, Porto: Universidade do Porto. 2008.

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. **Psicologia Ciência e Profissão**, vol.25, n.2, pp. 252-265, 2005.

FACUNDES, V. L. D.; LUDERMIR, A. B. Common mental disorders among health care students. **Rev Bras Psiquiatria**, v. 27, n. 3, p.194, 2005.

FERRAZ, M. F.; PEREIRA, A. S. A dinâmica da personalidade e o homesickness (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. **Psicologia, Saúde & Doença**, v.3, n.2, p.149-164, 2002.

FERREIRA, J. A.; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. S. Adaptação acadêmica em estudante do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudante e curso. *Psico-USF*, v.6, n.1, p.01-10, jan./jun. 2001.

FIGUEIREDO, A. L. **Prevalência de sintomas do humor em uma população de alunos de uma universidade privada no município de Porto Alegre**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

FIGUEIREDO, R. M.; OLIVEIRA, M. A. P. Necessidades de estudantes universitários para implantação de um serviço de orientação e educação em saúde mental. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 5-18, 1995.

FUGERATO, A. R. F. et al. Depressão e auto-estima entre acadêmicos de enfermagem. **Revista Psiq. Clínica**, v.33, n. 5, p. 239-244, 2006.

GIGLIO, J. S. **Bem Estar Emocional em Universitários: Um Estudo Preliminar**. 1976. 188f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1976.

GOLDBERG, D. P. **The detection of psychiatric illness by questionnaire**. London: Oxford University Press, 1972.

IGUE, E. A.; BARIANI, I. C. D.; MILANESI, P. V. B. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Psico-USF**, v.13, n.2, p.155-164, jul./dez, 2008.

LEITÃO, L. M.; PAIXÃO, M. P. Contributos para um modelo integrado de orientação escolar e profissional no ensino superior. **Psicologia: Teoria, Investigação e Prática**, v.1, p.191-209, 1999.

Lisboa, M. D. (1998). O papel do orientador profissional: Orientando para as novas relações de trabalho. *Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais*, 2(2), 55-64.

- Lisboa, M. D. (2002). Orientação profissional e mundo do trabalho: Reflexões sobre uma nova proposta frente a um novo cenário. Em R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Orgs), *Orientação vocacional ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 33-49). Porto Alegre: Artmed.
- Neiva, K. M. C. (2002). Escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP). Em R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Orgs), *Orientação vocacional ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp.239-246). Porto Alegre: Artmed.
- Oliveira, M. C. S. L., Pinto, R. G., & Souza, A. S. (2003). Perspectivas de futuro entre adolescentes: Universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia*, 11(1), 16-27.
- PACHANE, G. G. A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté: Cabral, 2003.
- Paredes, E. C., & Pecora, A. R. (2004). Questionando o futuro: As representações sociais de jovens estudantes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(esp.), 49-65.
- PEREIRA, A. M. S. et al. Sucesso e desenvolvimento psicológico no Ensino Superior: Estratégias de intervenção. **Análise Psicológica**, vol.24, n.1, p.51-59. jan. 2006.
- REBELO, H.; LOPES, H. **Vivências acadêmicas e bem-estar psicológico dos alunos do primeiro ano**: resultados de um projecto de investigação. Porto: Universidade do Porto, 2001.
- SANTOS, E. S.; FERREIRA, J. A. **College-to-work transition: Expectations and realities**. Comunicação apresentada na American Psychological Convention, Boston, 1999.
- SAKAE, T. M.; PADRÃO, D. L.; JORNADA, L. K. Sintomas depressivos em estudantes da área da saúde em uma Universidade no Sul de Santa Catarina – UNISUL. **Revista da AMRIGS**, v.54, n. 1, p.38-43, 2010.
- Soares, D. H. P (2002). *A escolha profissional: Do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.
- TAVEIRA, M. C. et al. In: SOARES, A. P.; OSÓRIO, A.; CAPELA, J. V.; ALMEIDA, L. S.; VASCONCELOS, L. M.; CAIRES, S. (Eds.), **Transição para o ensino superior**. Braga: Universidade do Minho, Conselho Académico, 2000.
- TEIXEIRA, M. A. P.; CASTRO, G. D.; PICOLLO, L. R. Adaptação à universidade em estudantes universitários: um estudo correlacional. **Interação em Psicologia**, v.11, n.2, p. 221-220, 2007.